

# OS ESCRAVOS DE CORINTO E OS ESCRAVOS ANÁLOGOS DO BRASIL

Joel Antônio Ferreira  
Indiara Nunes Mesquita\*

## Resumo

*No Século I da nossa era, o modo de produção romano era o escravagista. A economia do império se movia, fortemente, dentro daquele sistema. Paulo Apóstolo, na Primeira Epístola aos Coríntios, apresentou uma alternativa àquele esquema dominante: sair do sistema imperial e, na ekklesia, viver comunitariamente, trabalhando com as próprias mãos. No Século XXI, no Brasil, existe, agora, uma situação análoga de escravidão: a) servidão por dívida; b) trabalhos forçados; c) condições degradantes; d) jornada exaustiva. Como Paulo Apóstolo, os grupos resistentes e de fé, juntamente a outros grupos que lutam pela justiça, estão com a determinação firme de que a escravatura análoga do Brasil tem que terminar, com urgência, pois “é para a liberdade que Cristo nos libertou”.*

**Palavras-chave:** Roma. Brasil. Escravidão. Liberdade.

## Abstract

*In the 1st century, the system of production of the Romans was slavery. The economy of the Empire has been certainly developed with the help of it. St. Paul, the Apostle, at his first Epistle to the Corinthians, presented an alternative to that dominant system: go out of the imperial system and, in ekklesia, live a community life, working with their own hands. At the 21<sup>st</sup> century, in Brazil, still exist an analogue situation of slavery: a) bondage for acquired debts; b) enforced labor; c) repugnant conditions; d) exhausting journeys. Like Saint Paul, the faithful and resisting groups, together with those groups that fight for justice, have the firm determination that slavery*

\* Joel A. Ferreira é Professor titular da PUC de Goiás (joelantonioferreira@hotmail.com) e Indiara Nunes é economista e assessora da Pastoral Popular (indiaranunes@outlook.com).

*in Brazil has to come urgently to an end, once that “for freedom Christ has set us free”.*

**Keywords:** *Rome. Brazil. Slavery. Freedom.*

## Introdução

A partir da epístola aos Coríntios e dos dados da história, podemos observar algumas contradições sociais na cidade de Corinto. Existiam muitas tensões: “judeus e gregos” (1Cor 1,18-31; 12,13) tinham seus problemas. O texto falou dos “livres e escravos” (1Cor 7,21-23; 12,13). É óbvio, como veremos, principalmente, por causa do modo de produção escravagista<sup>1</sup>, a distância entre os “livres e escravos” era abissal<sup>2</sup>. E, proximamente, a esta contradição, a assimetria “ricos e pobres” (1Cor 11,22) era visível. Entre os poucos ricos, milhares de pobres e escravos. Havia contrastes sociais gravíssimos. A população era bastante mesclada. Dois terços eram de escravos e trabalhadores. Outra contradição era entre “mulheres e homens” (1Cor 7), o que não era de se estranhar, por causa da mundividência androcêntrica, em, praticamente, todas as esferas sociais.

No Brasil, hoje, séc. XXI, a situação análoga à escravatura acontece, deixando a sociedade perplexa<sup>3</sup>. Essa prática acontece, tanto no campo como na cidade, na servidão doméstica, nos serviços hoteleiros, nas carvoarias, na agropecuária, na construção civil e na indústria têxtil.

Se Paulo Apóstolo tomou atitude em favor dos escravos do Império Romano, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), agora em 2014, fez o mesmo unindo-se a todos que se empenham para eliminar a lamentável prática do trabalho escravo que envergonha o país e avilta a dignidade humana, identificando e denunciando à sociedade tais crimes<sup>4</sup>. A presidência da CNBB percebeu que

1. Toda sociedade possui o seu modo de produção. Este modo, inegavelmente, é a estrutura central da sociedade. Historicamente, verificamos diversos modos de produção: escravagista, feudal, tribal, capitalista, socialista. O modo de produção é a maneira específica como cada grupo se organiza para produzir e reproduzir os bens, não só materiais, indispensáveis à sua sobrevivência. MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983, p. 76-78; HOUTART, François. *Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982, p. 13-16. Usaremos a expressão “Modos de Produção Escravagista Romano” para designarmos a força fundamental que mantinha o imenso Império, na base da força do trabalho dos milhares e milhares de escravos em torno de todo o Mediterrâneo.

2. BRADLEY, K.R. *Slaves and Masters in the Roman Empire. A Study in Social Control*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1987 (cf. toda obra).

3. O dia 28 de janeiro foi definido como o “Dia Nacional de combate ao Trabalho Escravo”. A data homenageia quatro auditores do Ministério do Trabalho e Emprego que foram assassinados em janeiro de 2004, ao investigarem a suspeita de uso de mão de obra escrava em fazendas de Unai (MG).

4. *Notícias da CNBB* (28/01/2014).

o tráfico humano e o trabalho escravo têm sua causa na miséria e na desigualdade social. Por isso, os traficantes e exploradores agem movidos pela ganância e pela certeza da impunidade. Escravizam imigrantes que chegam ao Brasil em busca de sobrevivência e brasileiros que migram internamente sonhando melhores condições de vida. Nessa empatia social, os bispos reafirmam o valor da vida e da dignidade humanas que transcendem qualquer atividade econômica e frisam que toda pessoa humana é imagem e semelhança de Deus, que é templo de Deus que não pode ser profanado.

### 1. Um olhar nos escravos do Império Romano e de Corinto

Um terço da população de Corinto era de homens livres e libertos, de todas as partes, principalmente helênicos e romanos. Dentre os poucos ricos, estavam os pertencentes ao sistema patronal romano (patronato) e elite grega. Também os ricos capitães e marinheiros que controlavam as embarcações comerciais e turísticas dos dois mares e usufruíam a cidade.

Nos jogos ístmicos da primavera (atletismo) vinham centenas de turistas para Corinto. Como era uma metrópole das mais bem situadas, recebia todos os tipos de pessoas das mais diversas regiões, com características, por vezes, polivalentes, e, tantas vezes, ecléticas. Passavam por Corinto, portadores das mais diversas visões de mundo, pensadores itinerantes, filósofos consagrados, pessoas de ideais tão diversos, e também proclamadores de vários segmentos religiosos.

Era difícil para os moradores e trabalhadores locais, que viviam sob o jugo romano, absorver ou compreender tantas novidades.

Pelos dados da história, sabemos de milhares de pobres e escravos, que existiam indignamente: dos “doqueiros” (descarregavam e carregavam os navios) e dos “*diolcoi*” (transporte de navios menores de um porto para o outro através de paus roliços)<sup>5</sup>. Havia também os biscateiros, vendedores ambulantes, escravos (nas grandes casas), camponeses (inchando a cidade), imigrantes etc.

Sobre os “fracos”, eram cristãos simples e humildes que acolhiam a mensagem com sinceridade<sup>6</sup>. Porém, não tinham aprofundamento intelectual e pouca solidez prática. Muitos tinham complexos de inferioridade. Eram desprezados pelos “fortes”. Não tinham voz no grupo e, praticamente, nada possuíam. Os fracos, parece, eram a maioria na comunidade cristã. Eram cristãos pobres, de baixa condição social (possivelmente, também, os escravos). Fiéis simples. Não tinham prestígio e, por isso, sem voz também na Igreja.

5. Como Corinto, apesar de ser rica, nunca conseguira, nos tempos antigos, construir um canal que ligasse os dois portos, então, usava essa tecnologia: os barcos pequenos eram conduzidos de um lado para o outro, através do istmo sobre o *diolcos*. Veja em Plínio, *Nat. Hist.* 4,10.

6. BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo* (I), 1989, p. 178 e 182-185.

Paulo se dirigiu, de um modo especial, às camadas mais baixas. A esperança dele é que os “fracos” iriam transformar a sociedade (1Cor 1,26-31; 2,3; 2,4-7; 4,10-13; 8,7-13; 9,19-27; 10,23-11,1; 12,12-26). Foi com esses que Paulo trabalhou e teorizou.

Possivelmente, em 1Cor 1,26-31, Paulo, ao falar de uma tríade no topo da pirâmide como sendo de sábios (gregos?), poderosos e nobres (romanos?) percebia o desconforto diante do patronato de Corinto e se dirigia aos pequenos usando uma outra tríade, ou seja, fracos, vis e desprezados. Os símbolos romanos arquitetônicos de Corinto, naquele sistema patronal, representavam o poder, as benfeitorias e a honra dos que estavam no topo da pirâmide econômica e social criando relações de distância descomuns<sup>7</sup>.

Isso é muito importante porque vão sendo explicitados os grupos e os personagens da “margem”<sup>8</sup>. Eram aqueles que viviam na margem, os que quase não tinham espaço. Paulo se dirigiu aos que achavam que eram figuras imprescindíveis na comunidade, os “fortes”. Não porque eles eram líderes a serviço da comunidade. Mas porque usavam, a exemplo da sociedade greco-romana, a Igreja para se autopromoverem. Os “fracos” nunca apareciam, porém, Paulo os tinha como preferência. A pessoa que está interpretando a leitura, com a atitude de suspeição, percebe que pessoas ou grupos tidos como insignificantes, se se olhar com outros olhos, passam a ter uma significação vital (1Cor 12,22-23). O “lugar social” dos esquecidos se torna um espaço primordial<sup>9</sup>.

A Primeira Epístola aos Coríntios veio apresentando Deus tomando partido dos pequenos. Os fracos eram explorados. Paulo ficou com estes, seguindo o projeto de Deus onde os seus preferidos foram os pobres, os que estavam à margem.

### 1.1. Deus escolheu os fracos, os vis e os desprezados (1,26-29)

<sup>26</sup>Vede, pois, quem sois, irmãos, vós que recebestes o chamado de Deus; não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos,

7. Eis a pirâmide romana, ampliando a nota 25: Na ponta, o “Imperador”. Depois, a “ordem senatorial”. Um pouco abaixo o “Patronato” que era o grupo social mais importante. Em seguida, a “ordem Equestre”. Após esta, os “cavaleiros publicanos” (plebeus enriquecidos). Depois, os “clientes”: Plebeus na dependência de uma família rica e poderosa. A seguir, os “plebeus” homens do povo que não eram nobres. Lá embaixo, os “livres” e, bem embaixo, os “escravos”.

8. A partir da leitura conflitual de Primeira Coríntios (sociologia crítica), vamos percebendo o “lugar social” da comunidade cristã ouvindo a voz dos oprimidos e denunciando a voz dos dominadores.

9. Por exemplo, em 1Coríntios temos o famoso texto da Ceia do Senhor (11,17-34). Por trás do profundo anúncio da Ceia, o leitor precisa perceber nas entrelinhas as divisões sociais claras, dentro de um grupo que se dizia cristão e que, no entanto, repetia, no momento da Ceia, os mesmos esquemas dos banquetes dos patronatos romanos que, também, repetiam os banquetes do centro do Império. A perícopie queria falar da Ceia do Senhor? Sim. No entanto, ela sinalizou que a Ceia do Senhor, para os cristãos que viviam debaixo do jugo do Império Romano, devia ser a experiência do igualitarismo e da vida do amor, com todas as suas consequências. Este texto foi uma crítica severa aos que criavam assimetrias dentro da *ekklesia*.

nem muitos de família prestigiosa. <sup>27</sup>Mas, o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; <sup>28</sup>e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é, <sup>29</sup>a fim de que nenhuma criatura se possa vangloriar diante de Deus.

Estes versículos (1,26-29) abordaram a cruz de Jesus como uma bela chave para se interpretar a realidade cristã. O texto maior (1Cor 1-4) mostrou que as comunidades cristãs imitavam o estilo das associações religiosas do mundo grego (*thiasoi*) e, com isso, criaram grupos espirituais que se apoiavam em um ou outro personagem importante. Com isso, as comunidades corriam o risco de criar o culto à personalidade (Cefas, Apolo, Paulo, Cristo). Então, as divisões foram inevitáveis, superestimaram os líderes e perderam de vista o projeto da sabedoria que vinha de Jesus<sup>10</sup>. Neste texto maior, houve a denúncia de grupinhos e o distanciamento do projeto do Filho de Deus humilhado e derrotado na cruz. Estes quatro capítulos alternaram os temas da “unidade da Igreja” e da “Sabedoria”.

Barbaglio apontou, entre os “fortes” de diversos grupos, dentro das comunidades cristãs de Corinto<sup>11</sup>, os seguintes: Os “cristãos iluminados” ou eufóricos, que não acreditavam nos ídolos. Estes se achavam livres e se vangloriavam como sendo sábios (1Cor 4,10) e espirituais (1Cor 3,1). Talvez, pode-se referir, também, aos “sábios” que estavam tendo acesso às raízes do gnosticismo<sup>12</sup>. Paulo os chamou de “carnais”, significando que eram infantis, por se acharem “perfeitos” (1Cor 2,6). Relatou também como “fortes” os “glossolálicos”, também eufóricos, as mulheres emancipadas (1Cor 12-14), os exibicionistas fanáticos (angélicos), os negadores da ressurreição (1Cor 15), os “grupelhos” que tinham recursos econômicos e “comiam” à vontade, em detrimento dos pobres (1Cor 11,17-34), as “igrejinhas”. Estes “fortes”, em geral, eram individualistas e minoria. Alguns eram ricos, de bom nível social. Eram cristãos ufanistas e espiritualistas.

Sobre os “fracos”, Barbaglio mostrou que eram cristãos simples e humildes que acolhiam a mensagem com sinceridade<sup>13</sup>. Porém, não tinham aprofundamento intelectual e pouca solidez prática. Segundo ele, muitos tinham complexos de

10. FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Coríntios*. S. Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 63-66.

11. BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo* (I), 1989, p. 175-182.

12. Sobre o gnosticismo / conhecimento e *gnostikôs* (aquele que tem o conhecimento): não há consenso entre os comentaristas se, nos tempos de Paulo em Corinto, essa corrente já estivesse consolidada. *Ginóskein* aparece em 1Cor 1,21; 8,1-3. E *gnósis* em 1Cor 1,5; 8,7; 12,8; 13,8. Se não estava consolidado em Corinto, ao que parece, o gnosticismo começava a ter suas origens nos debates das comunidades. É importante frisar que, mais tarde, o gnosticismo se tornou, no seu cerne, um fechamento no individualismo e Paulo, ao contrário, tinha no centro de sua pregação a proposta comunitária da partilha.

13. BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo* (I), 1989, p. 178 e 182-185.

inferioridade. Eram desprezados pelos “fortes”. Não tinham voz no grupo e, praticamente, nada possuíam. Os fracos eram a maioria na comunidade cristã. Eram cristãos pobres, de baixa condição social (possivelmente, também, os escravos), fiéis simples, não tinham prestígio e, por isso, sem voz também na Igreja.

Os nossos versículos estão dentro de uma perícopes menor (1,26–2,5) que abordou o tema da sabedoria centrada na cruz. O v. 26 dirigiu-se, exatamente, àqueles que são os queridos de Paulo: os “irmãos”. Este conceito, para nós, hoje, parece ser tão superficial, porém, para o universo greco-romano, não era comum. A evocativa “irmãos” expressava um projeto. Paulo foi alguém que, na sua itinerância pelo império, ia fundando comunidades. Comunidade: este era um termo sociológico denso de significado social, ideológico e teológico. Pensar em Paulo é pensar em comunidade.

Dois conceitos próximos foram usados pelo autor: “vocação” e Deus “escolheu” (v. 26 e 27). É Deus quem chamava para a fé, é Ele quem escolhia os seus, é Ele quem elegia os seus preferidos. O projeto de salvação é um ato gratuito de Deus. Aqui, vemos a distância entre os padrões humanos e o divino<sup>14</sup>. Gratuitamente, Ele chamou os desprezados pelos critérios humanos.

Pelos padrões humanos, isto é, pelas perspectivas do Império Romano e pelos critérios da civilização grega, estes eleitos de Deus não tinham nenhum valor. Os padrões romanos e gregos privilegiavam os mais sábios, os mais fortes e os mais poderosos, bem como os ilustres das famílias que mais se destacavam. Ficava claro que os da base da pirâmide social eram desprezados, em qualquer nível<sup>15</sup>.

Paulo apresentou, aos seus leitores, o lado revolucionário dos olhos de Deus. Melhor dizendo, o projeto de Deus não é revolucionário. Ao longo da história, Ele sempre preferiu aqueles que os padrões humanos desprezaram. O projeto humano é que quase sempre foi discricionário. Pois bem! Paulo queria que os leitores de Corinto compreendessem os padrões de Deus. Ele não olhava os privilégios adquiridos dentro das relações sociais. Deus virou tudo, em sentido contrário. Preferiu os menos sábios, os menos fortes e poderosos, os discretos das famílias que menos se destacavam. Isso não significava que Paulo queria mostrar uma face “doentia” de Deus. Paulo não estava olhando com olhos românticos e ingênuos. Ele estava, com acuidade, ao mostrar a preferência de Deus pelos injustiçados, denunciando as assimetrias sociais, econômicas e políticas do Império Romano e civilização grega. Deus não concordava e nunca concordou com as assimetrias, porque elas sempre provocaram as injustiças. Isso se repetia em Corinto.

A discriminação nunca foi linguagem ou critério de Deus<sup>16</sup>.

14. BORTOLINI, J. *Primeira Carta aos Coríntios*. São Paulo: Paulus, 1990, p. 19-30.

15. FERREIRA, Joel A. *Primeira Epístola aos Coríntios*, p. 65.

16. FERREIRA, Joel A. *Primeira Epístola aos Coríntios*, p. 65.



Apresentando o Deus da justiça aos coríntios (provavelmente, a grande maioria era recém-convertida), o Apóstolo foi mostrando o mapa do novo estilo de vida. Na nova comunidade não havia espaço para títulos ou méritos. Isso era para quem não fosse da comunidade. No novo grupo não deveria haver privilegiados. Como o Deus de Jesus Cristo sempre foi o Deus da justiça, todos os membros da comunidade deveriam entender, na prática, que todos estavam no mesmo nível. Todos eram iguais. Então, quando, no v. 27, se afirmou que Deus escolheu, na visão do mundo, os “tolos” e os “fracos”, em contraposição aos “sábios” e os “fortes”, vê-se que no campo salvífico os privilégios foram anulados. Era a salvação da história. No projeto salvífico não havia lugar para a vanglória dos intelectuais, nem o privilégio dos poderosos, muito menos a arrogância dos nobres. Por isso que foi dito (v. 27) que “Deus escolheu os fracos para cobrir de vergonha os fortes”<sup>17</sup>.

Paulo aprofundou mais a distância entre “fortes” e “fracos”. O v. 28 deu bem uma mostra do que era o modo de produção escravagista romano. As expressões “vil” e “desprezado” espelhavam a fotografia de como eram vistos os mais pobres entre os pobres, ou seja, os escravos. É de se imaginar, por exemplo, na rica Corinto, os escravos puxando, em roletas, os barcos, pela terra, do porto do mar Egeu para o Adriático. Quem fazia aquilo? Os vis e desprezados. Será que, à noite, na hora da celebração, não vinham também alguns desses da subclasse?

O nosso texto foi mostrando que os incultos, plebeus, desprezados, ignorados, enfim, os vis, ganharam, pela graça divina, a possibilidade de viverem de um modo novo. Mas, atenção! A vida na comunidade cristã, em qualquer tempo, está dentro de um projeto que não é humano. É de Deus. Não cabe nesta experiência de Jesus a “vanglória” (v. 29). A autolatria sempre destruiu qualquer mentalidade igualitária. O orgulhar-se, a prepotência e a arrogância nunca foram valores e, muito menos, para os cristãos. Então, se a comunidade cresce e caminha, a glória não é dos partícipes dela, mas de Deus, com sua ação gratuita em favor dos seus eleitos e escolhidos.

### 1.2. *Opção preferencial pelos fracos: Teologia da Libertação (12,22-25)*<sup>18</sup>

“<sup>22</sup>Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários, <sup>23</sup>e aqueles que parecem menos dignos de honra do corpo são os que cercamos de maior honra, e nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência; <sup>24</sup>os que são decentes não precisam de tais cuidados. Mas Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, <sup>25</sup>a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual solicitude uns com os outros”.

17. CONZELMANN, H. *1 Corinthians*, 1975, p. 50.

18. FERREIRA, Joel A. *Primeira Epístola aos Coríntios*, p. 206-209.

É visto, aí dentro do texto (v. 22-24), um dos embriões da Teologia da Libertação, quando, usando a metáfora do corpo, o Apóstolo mandou o recado aos “espiritualistas/esclarecidos” e aos arrogantes da assembleia. Quando, na 1ª parte da Epístola, ao referir-se à “sabedoria” (*sofia*), ele já havia falado claro da opção de Deus pelos “fracos”, ou seja, os pobres e os escravos de Corinto. Retomando esse pensamento da preocupação com os “fracos”, Paulo usou, por duas vezes, a frase típica dos que excluía os pequenos: “Não preciso de ti (vós)”. O interessante ou sintomático foi que quem afirmou que não precisava do outro foram o “olho” e a “cabeça”. Não foi de propósito? O olho não podia significar os “esclarecidos” de Corinto? A “cabeça” não podia significar os “espiritualistas” e “glossolálicos” ou mesmo os embrionários gnosticistas que tinham a ânsia por posição, por autoridade?

O Apóstolo mostrou a opção pelos “fracos”, dentro da comunidade de Corinto, ao afirmar, no v. 22, que “os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários”, e no v. 23, que “aqueles que parecem menos dignos de honra do corpo são os que cercamos de maior honra, e nossos membros, que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência”.

O modo de produção romano fundamentava-se no escravagismo. O império era muito duro com os povos subjugados e, particularmente, com a classe social dos que estavam embaixo, na pirâmide. Mas, abaixo dos de baixo existia a grande legião de escravos. Ora, o patronato em Corinto reproduzia eficientemente o que os ideólogos e economistas de Roma orientavam. Roma estava presente em Corinto, também.

Paulo conhecia, geograficamente, o Império. Ele era um missionário itinerante. Deparava-se com as contradições sociais e econômicas, tanto do sistema romano, como da civilização grega. Quando ele, nos v. 22-23, delineou os fracos como menos dignos de honra, como de menos decência, estava possivelmente olhando os escravos de Corinto e de todo o Império. Ele foi enfático: Os mais fracos são os mais necessários e os menos dignos de honra, nós os cercamos de mais honra, os menos decentes, nós os tratamos com mais decência. A decisão pelos “fracos” era claríssima. Assim, nós podemos entender o porquê de Paulo ter sido tão duro com os privilegiados da comunidade.

Para ele, se não bastasse o que o sistema romano fazia com a grande população escrava, ainda, dentro da comunidade ir-se-ia reproduzir a assimetria escandalosa? Quando, no final do v. 23, ele disse que “nós os tratamos com mais decência”, referindo-se aos fracos, ficou a clareza pastoral e existencial do Apóstolo. Ele foi enviado como missionário a todas as gentes, preferencialmente, para os mais “fracos”. O v. 24b disse: “mas Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre”. Olhando pelo lado da biologia, naquele tempo, Paulo não conhecia a importância das glândulas: algumas tão minúsculas, porém, de uma importância indescritível. Se a hipótese, por exemplo, tão peque-



na, não funcionar bem, todo organismo sofrerá as consequências. Ele intuiu a importância dos minúsculos órgãos do corpo. Também na comunidade, que era o corpo de Cristo, as desprezíveis glândulas da comunidade (fracos) recebiam “maior honra” de Deus.

Para ele, por fim, o v. 25 dava a tônica: “a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros tenham igual solicitude uns com os outros”. A “divisão” deveria ser superada e a preocupação com todos os membros, especialmente, os fracos, deveria ser o programa da *ekklesia*: “solicitude uns com os outros”, por igual.

## 2. Outro olhar na situação análoga à escravidão no Brasil

Oficialmente, em 13 de maio de 1888, a escravidão no Brasil foi extinta. Porém, a situação é tão diferente da lei, que o governo brasileiro, já em 1995, admitiu a existência de condições de trabalho análogas à escravidão. De fato, a história brasileira coexiste com uma cultura escravagista e exploratória. Ainda, dentro do oficial, o artigo 149 do Código Penal, que está em vigor desde 2003, afirma que quatro elementos podem configurar trabalho em condições análogas às de escravos: a) servidão por dívida; b) trabalhos forçados; c) condições degradantes; d) jornada exaustiva.

Onde o trabalho escravo está mais acentuado? No Pará, no Maranhão, em Mato Grosso, em Tocantins, no Piauí, na Paraíba, em Rondônia, na Bahia, e, com perplexidade, até em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

Até bem pouco, a dimensão do trabalho social parecia estar somente na zona rural, atingindo mais de vinte mil pessoas. Porém, veremos, está tanto no campo como na cidade.

### 2.1. A figura do Gato

O “gato” é o aliciador. No início, essa figura trabalhava na zona rural, sempre, na linha de arrumar pessoas para trabalharem, nas fazendas, mineradoras, em situações sub-humanas. Quando a demanda urbana foi aparecendo o “gato” surgiu, também, no universo das cidades.

O “gato” é a figura mais importante do trabalho escravo.

Na ponta da linha, principalmente no Nordeste, há muita pobreza. No meio, há pensões e dormitórios onde peões aguardam hipotético empregador. O dono da pensão ou a dona do hotelzinho já estão combinados com os empreiteiros: aparece aí o “gato”, que paga a conta atrasada dos peões, faz promessas mirabolantes e leva o pessoal, já endividado, para a empreitada. Às vezes, o “gato”, além

de aliciador, é proprietário de pensões e de hotéis, em lugares estratégicos<sup>19</sup>. O trabalhador é aliciado ou individualmente ou em grupo.

Atrás dele esconde-se o dono da fazenda. A região de maior aliciamento é o Nordeste: dois, em cada três escravos, são nordestinos: Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Alagoas; ou, de lá, já migraram para o Pará, Tocantins ou Mato Grosso. A região principal de destino é, atualmente, a nova fronteira do desmatamento, no sul do Pará: Marabá, Novo Repartimento e Terra do Meio (Irirí). A viagem começa de ônibus, passa para o caminhão, até caminhão de gado, trator, barco, a pé, e mesmo de “avionete”. Chegando, o peão não tem mais saída<sup>20</sup>.

Não tem volta. Está preso, sem precisar de capangas para vigiá-lo. A realidade é bem diferente do prometido... Alojamento, não tem; não existem sanitários; alimentação, também não. Está tudo por fazer. Aos poucos, o trabalhador sente na carne que tudo foi mentira, que foi iludido. Começa a procurar um jeito de ir embora, mas, naquela cantina onde compra sem saber do preço, cresceu uma dívida que nem ele conhece. Tem aquela arma onipresente, ameaçadora, dissuasiva, do capanga.

Até sua própria liberdade lhe vem sendo descontada, dia após dia. No caderno de um “gato”, encontrado na fazenda Caruí, no Maranhão, está escrito em todas as letras, entre arroz e sabão, entre café e querosene: compra de liberdade. E, na hora de receber, o trabalhador descobre que é ele quem está devendo, é ele quem paga para trabalhar. Portanto, o trabalho escravo é promessa enganosa, é trabalho forçado, em péssimas condições, sem receber... é uma dívida crescente. Em seguida, as ameaças, o impedimento de sair. Fugir? Alguns poucos heróis resolvem fugir e conseguem, enfrentando barreiras, pistoleiros, sede e fome. Um ou outro desses fugitivos chega para informar e denunciar a situação de quem ficou lá, preso<sup>21</sup>.

### 2.1.1. Zona Rural

O desmatamento, que precede à pecuária, é um dos “celeiros” da escravidão no Brasil. *A pecuária é o setor com mais casos de escravidão nos últimos anos.* Aí, bem próximo, está a produção de carvão vegetal para o beneficiamento de

19. Jornal *O Liberal*, 01/07/03.

20. [www.cptnacional.org.br/...03/05/2010](http://www.cptnacional.org.br/...03/05/2010) – “De olho aberto para não virar escravo”: Campanha de Prevenção e Combate ao Trabalho Escravo. Toda Cartilha.

21. Cartilha “De olho aberto para não virar escravo”.

minério de ferro<sup>22</sup>. É sintomático como a pecuária e a mineração são duas excelentes fontes de renda para a economia do País. Segundo Marcelo Leite, A opção preferencial pelo agronegócio vai continuar a ser paga com florestas... e trabalho escravo<sup>23</sup>!

Se quem pensava que o trabalho escravo era um fenômeno do norte e nordeste do Brasil, enganou-se.

Em 23 de janeiro de 2014, em pleno Estado de S. Paulo, foram identificados dezenove casos de exploração de trabalho escravo e dois de trabalho infantil em Piracaia, quatro casos de trabalho infantil em Joanópolis e um em Pedra Bela<sup>24</sup>.

### 2.1.2. Região Urbana

Todavia, esta dimensão se ampliou para o universo urbano, particularmente, na indústria têxtil, envolvendo centenas e centenas de imigrantes e, também, na construção civil.

*Indústria Têxtil:* No Brasil, os principais casos de escravidão urbana ocorrem na região metropolitana de São Paulo, onde, especialmente, os imigrantes ilegais são predominantemente latino-americanos, sobretudo os bolivianos, e mais recentemente os asiáticos, que trabalham dezenas de horas diárias, sem folga e com baixíssimos salários, geralmente em oficinas de costura. Mais de cento e vinte costureiras bolivianas e uma peruana, a partir de 2010, foram encontradas em oficinas de confecções ilegais terceirizadas, no Estado de São Paulo, em condições próximas à escravidão, trabalhando para marcas muito conhecidas. Conforme Renato Bignami, coordenador do programa de Erradicação do Trabalho Escravo da Superintendência Regional do Trabalho e Emprego, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) em São Paulo, o número de estrangeiros resgatados no Estado vem aumentando. Ele estima que 300 mil bolivianos, 70 mil paraguaios e 45 mil peruanos estejam vivendo na região metropolitana de São Paulo, a maioria sujeita a condições de trabalho análogas à de escravo<sup>25</sup>. Haitianos, que,

22. Aqui, apontamos a escravidão mais desumana que existe, “a escravidão infantil”. Porém, como o nosso espaço é limitado, deixamo-la para outro momento.

23. Marcelo Leite, editor de Ciência da *Folha de S. Paulo*, em 11.04.04.

24. OJEDA, Igor e WROBLESKI, Stefano. *Agência Repórter Brasil*. Em 21-01-2014, eles publicaram que uma “megaoperação flagra trabalho escravo e infantil em carvoarias em São Paulo” a cerca de 90 km da capital. Foram infrações ambientais, trabalho escravo e infantil na produção de carvão que abastece supermercados e churrascarias da capital e de cidades do Estado.

25. Publicado na BBC Brasil. <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/>.

após o grande terremoto no Haiti, começaram a vir para a zona rural, estão sendo encontrados em regiões urbanas, trabalhando em oficinas de costura.

*Construção Civil:* Na construção civil, alguns casos estiveram no nível de condições análogas ao da escravatura<sup>26</sup>: por exemplo, em Guarulhos, para a construção do aeroporto de Cumbica, para a Copa do Mundo (2014), pedreiros, carpinteiros, armadores e serventes não contavam com alojamentos tendo que procurar refúgio nas favelas da região.

Em 2014 (07-02), o jornalista Ojeda afirmou que a “escravidão urbana passa a rural pela primeira vez no Brasil”<sup>27</sup>. Nas informações da Comissão Pastoral da Terra 53% das pessoas libertadas em 2013 trabalhavam nas cidades<sup>28</sup>.

## 2.2. Resgate: o que se está fazendo

O Brasil, neste ano de 2014, comemora 126 anos da abolição oficial da escravatura. O trabalho escravo, no entanto, é uma realidade. A maior preocupação é com os estrangeiros que chegam ao Brasil em busca de oportunidades (bolivianos, peruanos, paraguaios, haitianos, chineses) e, em aqui chegando, encontram jornadas exaustivas, servidão por dívida, condições de trabalho degradantes e trabalho forçado.

A impunidade para os escravizadores tem sido quase uma regra.

O que sustenta o trabalho escravo é essa impunidade somada à pobreza e à ganância.

Conforme Brígido, nos últimos quatro anos, nenhum acusado de contratar trabalhadores em condições análogas à de escravo foi condenado em definitivo, nem começou a cumprir pena pelo crime<sup>29</sup>.

26. A Construtora OAS firmou um acordo judicial com o Ministério Público do Trabalho, homologado no dia 08 de novembro de 2013, em virtude das condições análogas às de escravo encontradas entre os trabalhadores contratados para as obras de expansão do Aeroporto Internacional de São Paulo, em Cumbica, município de Guarulhos.

27. OJEDA, Igor. *Rede Brasil Atual*. Na publicação de fevereiro de 2014 e reproduzida pela IHU (07/02), tivemos a informação de que na construção civil foram libertadas 866 pessoas que viviam em condições similares à escravidão. O que deixou o país perplexo foi o fato de que S. Paulo (24%) lidera o trabalho escravo no Brasil, atualmente.

28. As informações da CPT ([www.cptnacional.org.br/...](http://www.cptnacional.org.br/)) é que de 2003 a 2012, um total de 28.702 trabalhadores estavam em condições análogas à escravidão. 25,5% das vítimas eram do Maranhão, seguido do Pará, Minas Gerais e Bahia (8,2% cada). Dois terços dos libertados tinham entre 18 e 34 anos. Eram analfabetos 73,7%. A grande maioria era de homens (95,3%).

29. BRÍGIDO, Carolina. *O Globo* (27-01-2014). Aconteceram 469 processos nos tribunais de todo o país, mas nenhum resultou em punição.

A resistência tem sido notável, ultimamente<sup>30</sup>. Fetzner vem colaborando com a “Campanha da CONTAG” em parceria com a UITA contra as modificações que pretendem introduzir na PEC (Proposta de Emenda Constitucional) do Trabalho Escravo<sup>31</sup>. Há uma petição contra “manobra ruralista” no senado para flexibilizar o conceito de trabalho escravo<sup>32</sup>.

Um avanço importante foi a criação, em 1995, do “Grupo Móvel de Fiscalização”. Centenas e centenas de trabalhadores, em estado de escravidão, foram resgatados, tanto na zona rural como urbana. As fiscalizações foram intensificadas. Segundo dados do Ministério do Trabalho, Pará, Tocantins e Paraná foram os estados com mais vítimas resgatadas.

Sakamoto sugeriu que se enviassem e-mails para os senadores cobrando que a “PEC do trabalho escravo” seja aprovada, que a regulamentação seja aprovada sem extorsão. Essas ações podem ter um retorno positivo e isso ajudará nesse processo de aprovação da “PEC57A”<sup>33</sup>.

Do lado dos cristãos, a presidência da CNBB afirmou que “cabe ao Estado brasileiro, em primeiro lugar, adotar medidas que erradiquem esta chaga social que vitima milhares de irmãos e irmãs. É sua responsabilidade defender e pro-

30. Adriana Borba Fetzner (assessora Legislativa da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura) vem desenvolvendo um extraordinário trabalho de pressão no Congresso Nacional. Em 05-11-2013, no jornal da CONTAG, deu uma entrevista onde conta a gênese da PEC (Proposta de Emenda Constitucional). Segundo ela, a CPT, a CONTAG, a ANPT e as centrais sindicais propuseram em 1993 um projeto no qual não era prevista a expropriação das terras onde fosse constatada a existência de trabalho escravo. Surgiu, depois, o “Forum Permanente contra a Violência no Campo”. Desde 1995 a PEC transita no Congresso Nacional. Não avança porque a “direita” é muito forte no Congresso. Não permite a expropriação de terras. Só avançou após o “Massacre de Unai”, onde três auditores fiscais do Ministério do Trabalho e o motorista foram assassinados enquanto investigavam denúncias de trabalho escravo em fazendas do prefeito de Unai, Antero Mânica. A opinião pública e política, em comoção, fez avançar a PEC. Hoje (2014), o Senado, para aprovar a PEC, quer que se “redefina o conceito de trabalho escravo e como serão feitas as expropriações”. Por isso, ainda está emperrada, porque se mexem com os interesses dos poderosos e também de políticos que escravizaram seres humanos.

31. <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/525376>.

32. Em 04/11/2013, a CPT lançou uma nota pública onde disse que “Em 2012, quando os Deputados enfim voltaram a discutir essa PEC, setores ruralistas passaram a condicionar seu voto à revisão do conceito legal de trabalho escravo, o qual, na sua visão, seria vago, exagerado, sujeito a interpretações subjetivas. Em troca da aprovação da PEC que, no Senado, tramita agora sob o nº 57A/1999, congressistas geralmente ligados à bancada ruralista exigiram que fossem retirados da conceituação legal atual (artigo 149 CPB, aprovado pelo Congresso em 2003) seus traços distintivos modernos de violação grave da dignidade humana e que se voltasse à visão clássica do escravo antigo: aquele trabalhador aprisionado, submetido à força ao trabalho e privado de sua liberdade de ir e vir. Uma figura abolida desde 1888 e raramente encontrada formalmente na atualidade. Este tipo de entendimento regressivo foi sancionado dia 18/10/2013 por uma Comissão Mista do Congresso, oportunamente criada. Agora está sendo apresentado pelo senador Romero Jucá na forma do PLS 432/2013, a ser submetido à votação dos senadores... Sua aprovação eventual em votação do plenário, significaria um dramático retrocesso no combate à escravidão moderna, uma chaga que atinge hoje milhares de trabalhadores rurais, cortadores de cana, carvoeiros, pedreiros em grandes obras e imigrantes latinos”.

33. Leonardo Sakamoto, jornalista e cientista político em entrevista no IHU 12/11/13, disse que o tripé que sustenta o trabalho escravo são a ganância, a impunidade e a pobreza.

teger os que lutam pelo fim do trabalho escravo, bem como garantir às vítimas desta prática infame a reinserção na sociedade. É dever do Estado, ainda, punir de maneira exemplar os responsáveis por este crime que clama aos céus<sup>34</sup>.

Como já vimos, o dia 28 de janeiro foi escolhido como Dia Nacional do Combate ao Trabalho Escravo: homenagem aos três auditores fiscais e um motorista do Ministério do Trabalho assassinados em 2004, na zona rural de Unaí, em Minas Gerais, quando vistoriavam condições de trabalho e moradia de colhedores de feijão.

### Conclusão

Pelo lado da postura de Paulo com a comunidade de Corinto, vimos que o “olho” e a “cabeça” estavam tendo atitudes arrogantes contra os membros que pareciam ser insignificantes no corpo. A esses órgãos foi dito que “os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários”. Os que pareciam mais inúteis eram os mais preciosos.

Paulo fez a aplicação sociológica e teológica, numa crítica mordaz aos detentores do poder romano, da civilização grega e da pequena comunidade de Corinto, ao frizar que os que pareciam menos dignos de honra eram os que eram cercados de maior honra. Vê-se que ele estava olhando os escravos romanos e os desfavorecidos da comunidade, ao dizer que os que pareciam menos decentes, “nós” os tratamos com mais decência. Esta é a verdadeira Teologia da Libertação: a opção clara e decidida pelos injustiçados, pelos oprimidos e infelizes de qualquer sistema opressor.

Abaixo dos de baixo, fora da pirâmide, existia a grande legião de escravos. A questão indignava o Apóstolo. Os pobres e os escravos já eram humilhados pelo sistema. Então, os membros da Igreja que tinham alguns bens não estavam entendendo nada do que era o cristianismo. Este era o oposto radical do que o sistema romano empregava. O cristianismo era a proposta do igualitarismo e da liberdade (1Cor 12,13), na experiência comunitária, à luz do Espírito de Deus. Todavia, alguns membros estavam reproduzindo, dentro da *ekklesia*, as desigualdades escandalosas romanas. Estes, se quisessem continuar na Igreja de Corinto, tinham que mudar. Não era possível continuar a pregação do evangelho, porque a *práxis* era mentirosa. Era preciso priorizar as relações humanas, a compaixão e a solidariedade.

Então, Paulo não queria uniformizar a comunidade. Ele entendia bem as diversidades, porém, dentro da unidade. O que ele não podia aceitar era a eliminação de qualquer ser humano da caminhada comunitária. Os fracos e os in-

34. Notícias da CNBB (28/01/2014).



justiçados eram pessoas. Portanto, a “solicitude de uns com os outros” envolvia, também, os oprimidos pelo sistema e os infelizes.

Os cristãos coríntios tinham que fazer um sério exame de consciência comunitária. Tinham de eliminar os escândalos na Ceia do Senhor. Os fracos não podiam ser desprezados pelos que tinham mais. Estes tinham que entender a crueza da sabedoria da cruz. Porém, a vida não se restringia às pequenas comunidades cristãs. Era necessário que todos os membros, em unidade de amor, tivessem uma postura de indignação contra as violências do modo de produção escravagista romano e da discriminação da elite grega, porque, entre os cristãos, estavam presentes os pobres trabalhadores e escravos do império. Paulo queria que o olho, a cabeça, as mãos, os pés e todos os órgãos, inclusive os que pareciam inexpressivos, entendessem que todos tinham funções fundamentais na dinâmica do corpo, porque todos “vós sois templo de Deus e o Espírito Santo habita em vós” (1Cor 3,16-17; 6,19; 12,27).

Do lado da situação análoga de escravidão no Brasil, vimos que muita indignação e postura de alguns grupos que defendem os escravizados trazem esperanças para a retomada da liberdade em todos os níveis. Muitos grupos estão lutando nessa defesa. Como disse Tomás Balduino, “é que a terra é mais do que terra. A terra não cai jamais dos grandes e ricos para os pequenos e pobres. Nem do governo para os sem-terra, como caiu o maná no deserto. A terra, que é dom de Deus, é acima de tudo fruto de conquista e esta se dá na luta<sup>35</sup>. Os novos escravizados estão no campo, estão na cidade. Como disseram Sakamoto e Plassat, “Filho do patriarca Jacó, José é a primeira figura bíblica vítima do tráfico humano. José ainda pode ser encontrado em qualquer esquina do nosso mundo global... José está vivo. Escondido, invisível, traficado feito mercadoria, acorrentado pelo medo, instrumentalizado para o lucro fácil, preso nos tentáculos de um velho-novo crime. Tráfico e escravidão permaneceram vivos, transformando-se e ganhando novas características que os diferenciam do passado. A finalidade é a mesma: alguém lucra, alguém é explorado”<sup>36</sup>. Como Paulo Apóstolo, em nome de Cristo, defendeu os escravos de Corinto, os grupos resistentes e de fé, portanto, os cristãos, juntamente a outros grupos que lutam pela justiça, estão com a determinação firme de que a escravatura análoga do Brasil tem que terminar, com urgência, pois “é para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1.13).

## Bibliografia

BARBAGLIO, G. *As Cartas de Paulo* (I). São Paulo: Loyola, 1989.

35. D. Tomás Balduino, Presidente da CPT – Comissão Pastoral da Terra. Em 27 de abril de 2004, Dom Balduino foi convidado a depor no Congresso Nacional.

36. SAKAMOTO, L. e PLASSAT, X. Campanha da Fraternidade: Onde está teu irmão? Gazeta do Povo, Londrina, 05/03/2014.

- BBC Brasil. <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/>.
- BORTOLINI, José. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- BRADLEY, K.R. *Slaves and Masters in the Roman Empire. A Study in Social Control*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1987.
- BRÍGIDO, Carolina. *O Globo* em 27-01-2014.
- CONZELMANN, Hans. *1 Corinthians*. Philadelphia: Fortress Press, 1975.
- FERREIRA, Joel A. *Primeira Epístola aos Coríntios*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- FETZNER, Adriana B. *Jornal da CONTAG* em 05-11-2013.
- HOUTART, François. *Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1982.
- <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/>
- LEITE, Marcelo. *Folha de S. Paulo*, Ed. de Ciências em 11.04.04.
- MACMÜLLEN, Ransay. *Les Repports Entre les Classes Sociales dans l'Empire Romain*. 50 av. J.C. 284 ap. J.C. Paris: Ed. du Seuil, 1986.
- MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.
- Notícias da CNBB* (28/01/2014).
- OJEDA, Igor e WROBLESKI, Stefano. *Agência Repórter Brasil*. Em 21-01-2014.
- ROSTOVTZEFF, M. *Social and Economic History of the Roman Empire*. v. 2. Oxford: Clarendon Press, 1974.
- SAKAMOTO, L. e PLASSAT, X. Campanha da Fraternidade: Onde está teu irmão? *Gazeta do Povo*, Londrina, 05/03/2014.
- [www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br). “De olho aberto para não virar escravo”: Campanha de Prevenção e Combate ao Trabalho Escravo, 2010.